

CAFÉ COM PAULO FREIRE GOIÂNIA: memórias de luta que atravessam as pelEJAs de Goiás

Ana Santana Moreira, Café com Paulo Freire Goiânia¹
Lucas Martins de Avelar, Café com Paulo Freire Goiânia²

RESUMO: Este relato objetiva abordar a constituição do Café com Paulo Freire Goiânia. Em 2019, o coletivo surge, incentivado por sua primeira curadora, a querida e generosa professora Maria Emília de Castro Rodrigues. Os encontros presenciais no primeiro ano realizaram-se em locais marcados por representatividade sócio-histórico-política. Após um período turbulento e pausa em 2020 para adaptações ao contexto *online*, em função da pandemia da COVID-19, retornamos com os encontros em 2021. Entre idas e vindas, perdas e ganhos, pelEJAs, o Café Goiânia tem se fortalecido e se constituído como espaço dialógico e movimento de luta e resistência no Estado de Goiás.

PALAVRAS-CHAVE: Constituição. Trajetória. Transformação.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas (FREIRE, 1967, p. 43).

Refletir sobre a realidade vivenciada pela humanidade, desvelá-la e construir uma realidade mais humana é o desafio dos homens e mulheres, sujeitos históricos. Essa reflexão fez parte do coletivo que pensou o Café com Paulo Freire Goiânia. O contexto brasileiro, com a posse do novo governo federal em janeiro de 2019, já sinalizava a dureza que toda população brasileira iria viver, sobretudo os mais pobres. Por isso, ler Paulo Freire tornou-se imprescindível, e “não soltar as mãos de ninguém” passou a ser o nosso lema.

¹Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Goiás, Professora da Secretaria de Estado da Educação de Goiás, Membro do Fórum Goiano de EJA e Curadora do Café com Paulo Freire Goiânia. E-mail: anafisica1@gmail.com

²Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Goiás, Membro do Fórum Goiano de EJA e Curador do Café com Paulo Freire Goiânia. E-mail: lucasmavelar@gmail.com

O nosso Café nasceu em junho de 2019, numa manhã de sábado, motivado pela professora Maria Emília de Castro Rodrigues, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Com sua generosidade, Emília sempre compartilhou com todos seus conhecimentos sobre a Vida e Obra de Paulo Freire. As análises das interfaces entre os referenciais da Educação Popular, tão vivenciadas por Freire, foram para nós a confirmação de que precisávamos fazer do espaço de nosso Café a vivência do diálogo, da dialogicidade, da escuta sensível como princípios fundantes para a constituição do “inérito viável”.

Com intenção de afirmar nossa disposição em pensar a sociedade com o pé na realidade, fomos estabelecendo nosso jeito de fazer-nos café. Por isso, não poderíamos perder de vista a cultura, também evidenciada na história de Paulo Freire, que por meio dos Círculos de Cultura nos falava de um lugar em que a unidade de aprendizado era a referência, o homem em sua realidade, sua cultura, tudo junto e misturado!

Dessa forma, a busca de espaços diversificados para nossos diálogos foi tornando-se concreta: Faculdade de Educação da Universidade Federal da Goiás (UFG), Praça Universitária, Cine Ouro (espaço de cinema, de shows, uma casa de cultura), depois o Centro Cultural Martim Cererê, espaço composto por dois pequenos teatros (“Ygua” e “Pygua”), um Teatro de Arena, uma área aberta. Esses teatros eram antigas caixas d’água da empresa de Saneamento do Estado de Goiás.

A história marca esse local das antigas caixas d’água como lugar em que ocorriam as torturas durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1979). Tomar esse espaço para discutir a memória de Paulo Freire, sua amorosidade pela humanidade, a vida, a natureza e a liberdade foi expressar a resistência em consolidar espaços democráticos e de cultura, o que vai contribuindo para a construção da justiça social. Vivenciar o Café com Paulo Freire no referido espaço, com a presença da Maria Emília, foi inspirador e confirmou a humanização daquele lugar, que já há alguns anos é um Centro Cultural que acolhe diversos festivais de música alternativa da cidade, dança, teatro, e exposições.

Ainda não sabíamos que aquele seria o nosso último encontro presencial com a doce e forte presença da companheira Maria Emília. Em 2020 veio a

pandemia e tudo que ela trouxe, inclusive a dor de ver a partida desta companheira, vítima da Covid-19, em março de 2021. Na figura 1, podemos observar algumas fotos dos encontros realizados no decorrer do ano inicial de constituição do grupo, com destaque para a imagem na qual o coletivo está reunido à sombra de uma árvore. A ocasião se refere ao primeiro encontro, momento em que Maria Emília discorre sobre a vida do patrono da educação brasileira.

Figura 1: Montagem com fotos de alguns momentos de 2019



Fonte: Arquivos do Café Goiânia, 2019.

A pandemia nos trouxe tantas incertezas, dúvidas, novidades em questões tecnológicas e isolamento social. Nosso coletivo levou um tempo para se adaptar à nova realidade de reuniões por videoconferência, participações em eventos com transmissões em redes sociais onde se tem a participação de um número maior de pessoas de diversas localidades do país. Nesse sentido, nosso café realizou uma pausa em suas atividades e não tivemos encontros no ano de 2020. Após o período de adaptações ao contexto pandêmico, nossas atividades foram retomadas em 2021, com encontros remotos no último sábado de cada mês com início às 8h30 e término às 11h30.

Em nosso primeiro encontro, no dia 27 de fevereiro, tivemos a presença de diversas pessoas de outras cidades, e até de outros estados, como o nosso companheiro Carlos César de Oliveira, doutorando da Pontifícia Universidade

Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e a curadora do Café com Paulo Freire Bahia, a Profa. Dra. Edite de Faria. Naquela manhã, o responsável pela condução da reunião foi Lucas Martins de Avelar, um dos membros da Coordenação Colegiada do Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos e coautor deste relato, porque a saudosa Maria Emília já não estava muito bem de saúde e por isso não participaria, tendo ficado o desejo de sua participação mais significativa no encontro seguinte, que infelizmente não aconteceu.

Neste dia, por sugestão de Carlos, e concordância do coletivo, ficou decidido estudar o livro *Medo e Ousadia*, de Paulo Freire e Ira Shor. Em grupo, democraticamente, ficou estabelecido que em cada encontro uma ou duas pessoas seriam responsáveis pela mediação das reflexões. Foi estabelecido um cronograma mais aberto, sujeito a possíveis alterações.

No quarto encontro foi necessário modificar a data, e o encontro aconteceu no dia 01 de maio, mesmo sendo feriado, contudo a participação foi ínfima. A partir disso, optamos por não agendar nem no dia e nem na véspera de feriados. Vejam só companheiros, os aprendizados de natureza organizativa do movimento que o café nos proporciona!

Em concomitância, percebemos ser mais produtivo reduzir o tempo do encontro para duas horas. No último encontro do primeiro semestre, o responsável pela mediação fez uma dinâmica da tempestade de ideias, criou um *padlet* para todos contribuírem com antecedência e proporcionou um momento de aprendizado dialógico e interativo a respeito da obra que estava sendo estudada. Estávamos com os corações cheios de amorosidade, no esperar de termos (re)encontrado o “jeitinho” do nosso café!

Aos poucos fomos adequando à nova realidade e nos inserimos no contexto de mídias sociais, de tal forma que a divulgação e interações nas redes sociais tornaram-se cada vez mais volumosas. Passamos a ter presença ativa em plataformas como *Instagram* e grupos de *WhatsApp*. As redes do Fórum Goiano de EJA e dos membros do Café tornaram-se veículos de divulgação da “freirianidade”. A Figura 2 apresenta uma mescla dos cards produzidos para as reuniões do ano de 2021.

Figura 2: Montagem de todos os cards de divulgação dos Encontros de 2021



Fonte: Arquivos do Café Goiânia, 2021.

Com uma ampla divulgação tivemos encontros com a presença expressiva de pessoas interessadas em compartilhar e se apropriar dos conhecimentos, saberes e vivências na perspectiva da construção dialógica da luta coletiva em favor da humanização. Percebemos que mesmo em um estado como o de Goiás, em que houve expressivo número de eleitores que, em 2018, votaram por esse projeto neofascista, que dissemina *fake news* e a necropolítica, há pessoas dispostas a lutar pela transformação social. Na figura 3 colocamos o *print* dos registros de alguns destes momentos em 2021.

A escolha do livro estudado no primeiro semestre de 2021 teve uma relação direta com a situação atual que estamos vivendo. Toda a classe trabalhadora sente medo do vírus, das condições econômicas, falta de acesso à internet e dispositivos tecnológicos. Ao analisar todo o cenário do nosso país é perceptível que a pandemia evidenciou o agravamento das desigualdades sociais produzidas pelo modo de produção capitalista na sua filosofia neoliberal e de Estado mínimo.

Figura 3: Montagem com fotos de alguns momentos de 2021



Fonte: Arquivos do Café Goiânia, 2021.

Nesse sentido, o pensamento de Paulo Freire, vítima de constantes ataques, ganhou ainda mais força, na boca e ações daqueles e daquelas que são resistência. Há uma relação intrínseca entre a educação libertadora freiriana, a pandemia e a crítica à condução das políticas públicas de saúde e de combate à pandemia no Brasil que afetam a vida da população trabalhadora porque a educação libertadora, emancipatória, ilumina a realidade (FREIRE; SHOR, 1986).

Destarte, nesses momentos dialógicos, tivemos a presença de diversos professores que compartilharam suas experiências com o ensino remoto emergencial. Estiveram presentes também alunos filhos da classe trabalhadora, trabalhadores(as)-estudantes, que estavam naquele momento buscando a apropriação de conhecimentos para transformar a sociedade por meio do processo de formação permanente (FREIRE; SHOR, 1986).

No segundo semestre, em uma decisão coletiva, resolvemos estudar *Pedagogia da Esperança – um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Organizamos um cronograma para leitura e análise do livro em três encontros, entre setembro e novembro. Seguimos o revezamento de duplas de mediadores, com a proposta de que os encontros continuassem no formato de Círculo de Cultura virtuais.

Em setembro tivemos um momento cultural com apresentação de música e poesia. Diante do contexto de retorno presencial das aulas nas redes estaduais e municipais e com o negacionismo de muitos em não se vacinarem ou a negativa

do uso de máscara para proteger a si e aos outros, novos desafios na dialogicidade surgiram. Nesse sentido é que necessitamos não perder a esperança na humanidade, uma esperança que, sendo suficientemente *esperançar* é espera na ação coletiva em direção à mudança (FREIRE, 2016).

Freire afirma que “enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática” (FREIRE, 2016, p. 5). Assim, ao discutirmos e refletirmos sobre este livro escrito pelo autor cinco anos antes do seu falecimento, e relembro a Pedagogia do Oprimido que foi escrita durante o exílio, nos apropriamos dos conhecimentos históricos e dados concretos para fortalecer a nossa esperança, de forma que possamos vencer a luta contra o sistema opressor.

Nesta perspectiva, seguimos firmes e esperançosos para continuar os enfrentamentos em 2022 e nos anos vindouros. Ansiosos pelo retorno dos encontros presenciais para nos abraçarmos, sentir o aroma do café, a fragrância dos perfumes, a história dos diferentes locais em que nos encontraremos além da degustação das comidas típicas e feitas com muito amor. Desse modo, em nossos corações e em espírito, Maria Emília estará sempre presente!

Com a pandemia, nossos encontros deixaram de ter pamonha, pão de queijo e café, mas não deixaram de ter leituras, depoimentos, sugestões de vídeos sobre as obras de Paulo Freire e de outros autores que dialogam sobre o assunto, além de nos abraçarmos com os nossos olhares. Estas duas horas mensais parecem ser um bálsamo para nossas dores do corpo e da alma tão cansadas/os, mas cotidianamente convocadas/os pelo tempo histórico a lutar. É um momento de renovação, de fortalecimento da nossa essência e simplicidade para buscar ouvir nossos pares com amorosidade e ajudar na construção crítico-emancipatória de um mundo com mais respeito e justiça social para todos os cidadãos e as cidadãs.

Os encontros proporcionaram reflexões que vão para além de horizontes acadêmicos ou intelectuais. Acolhemos propostas, ouvimos e damos voz a todos. Enfim, esperamos no coletivo para fortalecer a nossas reflexões-ações de resistência e liberdade. Nesse sentido, esperamos que o Café com Paulo Freire Goiânia cresça e se fortaleça cada vez mais em comunhão à Rede Internacional dos Cafés e sirva de inspiração para outras iniciativas de estudo coletivo de

temáticas, autores, ou sistemas de pensamento, voltadas à formação e à transformação da educação, por conseguinte, da sociedade brasileira.

MARIA EMÍLIA, PRESENTE!



REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 23ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e Ousadia** - O Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.